

Editorial

Eis aqui o terceiro número de *Língua-lugar*. Esta edição reitera o desejo alimentado pela equipe editorial da revista desde o princípio: o de enfatizar a importância dos estudos em português para o âmbito acadêmico suíço, por meio da publicação continuada de trabalhos que primam pela reflexão multidisciplinar e a partir de um diálogo crítico com os campos da história, da literatura e dos estudos culturais. *Língua-lugar* surge mais uma vez como um espaço agregador de pesquisadoras e pesquisadores oriundos de realidades, contextos e territórios distintos, mas que se convergem na consideração dos estudos em português como lócus e/ou ponto de partida, sem com isso reduzir as tensões das trocas e das negociações, contudo frutíferas quando se trata de acolher as múltiplas perspectivas e pontos de vista. Assim, pretendemos que esta revista seja o lugar onde a língua portuguesa, de modo prolífico e plural, adquira visibilidade a partir de suas diversas matizes.

A presente edição conta com o dossiê “Encruzilhadas Históricas”, composto por artigos de participantes dos Ciclos de Conferências “Carrefours historiques: le monde lusophone jusqu’au XIX^e siècle” e “Carrefours historiques: choix identitaires – le monde lusophone des XX^e et XXI^e siècles”, ambos organizados por Nazaré Torrão na Universidade de Genebra no outono europeu de 2018 e na primavera de 2019, respectivamente. O dossiê proporciona uma leitura plural das tensões sociais, políticas e culturais que perpassaram e constituíram os diversos momentos da história de territórios (ou que vieram a sê-los) de língua portuguesa. O dossiê abre com a introdução de Nazaré Torrão, que discorre sobre as políticas de abordagem e de reescritura da História.

Em seguida, Alberto Carvalho retraça o relevante percurso histórico da revista literária *Claridade* em Cabo Verde. Carvalho alinha a existência de quase três décadas da revista, de extrema relevância político-cultural porém de periodicidade descontínua, com o gesto de reivindicação nacionalista em um país sob o peso do regime colonial. O autor oferece um panorama pormenorizado dos intelectuais cabo-verdianos e dos temários literário e político que compuseram os três ciclos editoriais de *Claridade*.

Já Maria Inácia Rezola dedica-se a uma retomada analítica dos meandros relativos às eleições e ao estabelecimento da Assembleia Constituinte em Portugal. Ao suscitar pistas interpretativas sobre as disputas políticas em torno do episódio, Rezola promove uma reparação histórica deste feito crucial para a construção da democracia portuguesa, e cujo protagonismo permanece todavia sem reconhecimento.

Na sequência, Pedro Cardim traz uma discussão crítica a partir da escultura dedicada à complexa figura do jesuíta António Vieira, erigida em 2017 em Lisboa e grafitada por desconhecidos em 2020. Cardim ressalta a persistência de uma visão benigna, eurocêntrica e de fundo histórico-nacionalista, da colonização portuguesa de terras na África, Ásia e América, ao mesmo tempo que assinala um crescente interesse, por parte da sociedade portuguesa contemporânea, pela revisão crítica de um passado colonial, composto por relações assimétricas e de dominação.

Por último, Ana Maria Martinho problematiza a tradição crítica de leitura sobre a África, sobretudo acerca dos modos de circulação das literaturas africanas na contemporaneidade. Martinho realça a urgência de novas metodologias, de caráter multidisciplinar, e que primem pela escuta e recepção das produções literárias do continente africano, desmantelando formas convencionais de leitura. O dossiê encerra-se, portanto, com este instigante convite feito pela autora: o de exercitarmos um olhar cuidadoso sobre as dinâmicas (socioculturais, políticas e históricas) que atuam sobre as textualidades periféricas.

Na seção *Lugar de memória*, encontra-se o meticuloso estudo de Victoria Béguelin-Argimón, cuja versão inicial foi apresentada no Ciclo de Conferências “La mer sans fin est portugaise: mythe et réalité”, organizado por Nazaré Torrão e ocorrido na Universidade de Genebra no semestre de outono de 2016. Béguelin-Argimón enfatiza a importância dos textos portugueses do século XVI sobre a China, especialmente os de Gaspar

da Cruz e João de Barros, para a escrita de *Discurso de la navegación*, de Bernardino de Escalante. Béguelin-Argimón elucida as particularidades da escritura empreendida pelo frade agostinho, que combina trechos selecionados, traduzidos e retrabalhados dos textos originais com novos elementos a fim de dar vivacidade ao seu texto, como a inserção do discurso testemunhal e a adaptação das realidades do mundo chinês para o público-alvo espanhol. Além de desvelar as tramas da elaboração literária de Escalante, o artigo oferece uma visada histórica das leituras socioculturais sobre a China e compartilhadas entre Portugal e Espanha.

A contribuição de Danilo Bueno para a seção *Varia* traz uma particular perspectiva analítica sobre a vida e obra de Mário Cesariny, cuja atuação multifacetada, assim como o acúmulo de outras práticas no campo da cultura ao longo de sua trajetória, demarca a sua importância como agente cultural para além das fronteiras convencionais entre a poesia e a pintura. Bueno apresenta um Mário Cesariny avesso à imagem de “poeta de gabinete”, e que faz do espaço público o palco para a performance de sua figura multimoda, de postura “amadora” e às voltas com os jogos com a palavra e a produção plástico-visual. Neste sentido, Bueno reforça a trajetória de Cesariny como artista estreitamente afinado com a premissa utópica do indivíduo libertado, por sua vez intrínseca aos preceitos ético-estéticos do movimento surrealista português.

A poesia de Patrícia Lino compõe a seção *Fora de Lugar*. Os poemas selecionados pela própria autora instauram uma experiência da incompletude. Encena-se, portanto, um jogo poético de renúncia à produção de significados que proporcionem um sentimento de totalidade. Exemplar é a condensada forma voco-visual do poema “Não”, acessível por meio de um link disponibilizado em nossa revista.

Encerrando o número, temos a entrevista com o poeta Ricardo Aleixo, que, se quisermos retomar o viés crítico-analítico do dossiê que abre esta edição, aponta para uma outra espécie de “encruzilhada”: a dos encontros artístico-culturais que compõem a biografia e a práxis de um artista que entrevê a língua como uma estrutura aberta e desviante. O discurso generoso de Aleixo, que reevoca acontecimentos e experiências de sua trajetória, proporciona um mergulho em seus modos de pensar, inscrever e vocalizar poesia mediante um estado de errância poética. A noção de encruzilhada aqui abre-se para o universo do saber afrodescendente, extremamente marcado pela oralidade, onde a boca é o lócus de ressonância de histórias e sonoridades que resistem a seguir a rota (e os roteiros) dos pretensos donos da língua.

Dito isso, e em nome da equipe editorial, agradeço o interesse pela revista, desejando que a leitura desta edição possa sobretudo alimentar um continuado sabor pelos saberes *sobre e em* português.

André Masseno

DOI <https://doi.org/10.34913/journals/lingualugar.2021.e522>